

SNYDER, Timothy. **Bloodlands: Europe between Hitler and Stalin**. New York: Basic Books, 2010, 524 p.

Alexandre Andrade da COSTA*

O número de obras que tratam da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto não para de crescer e, nos países de língua inglesa, principalmente, há um renovado interesse por esse período histórico. Diversos pesquisadores se debruçam sobre os arquivos europeus e soviéticos, abertos tardiamente aos estudiosos, a fim de recompor a história de um complexo e turbulento momento da história da humanidade.

No caso brasileiro, ainda que algumas editoras invistam em traduções destas obras, muitos livros inovadores e relevantes para a compreensão daquela época têm sua publicação postergada. Este parece ser o caso do livro *Bloodlands: Europe between Hitler and Stalin*, escrito pelo professor de história da Universidade de Yale, nos Estados Unidos cuja tradução acaba de chegar ao mercado editorial brasileiro, dois anos depois do lançamento.¹

Timothy Snyder narra como milhões de cidadãos europeus foram assassinados, por Stalin e Hitler, numa região por ele pinçada no mapa daquele continente. *Bloodlands* localizava-se entre o centro da Polônia e incluía a Rússia, Ucrânia, Belarus e os Estados Bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia). Foi neste espaço que 14 milhões de pessoas foram mortas por dois regimes totalitários, comparados ao longo de toda a obra.

O livro é dividido em onze capítulos e uma conclusão, denominada *Humanity*. A introdução pretende inserir o leitor nos debates políticos e ideológicos que marcaram a história europeia pós Primeira Guerra Mundial e elencar os principais acontecimentos na história dos dois países, protagonistas da pesquisa: Alemanha e União Soviética. Timothy conta como os soldados alemães, que voltaram vitoriosos do front oriental, tinham dificuldades em reconhecer a nova Alemanha de Weimar, consequência da derrota no Ocidente para as potências da Trílice Entente.

O primeiro capítulo, *The Soviet Famines (A fome provocada pela URSS)*, é reservado ao estudo das consequências da política de coletivização das terras imposta pela URSS na Ucrânia. Nesse sentido, ele afirma que um jovem comunista chamava as crianças ucranianas de *living skeletons* (esqueletos vivos, p. 22) e que Arthur Koestler, ao chegar do

* Mestre em História – Doutorando – Programa de Pós-graduação em História – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Unes – Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis – Av. Dom Antonio, 2100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo – Brasil. E-mail: aahistoria@yahoo.com.br.

¹ O livro foi lançado pela Editora Record, sob o título *Terras de Sangue – a Europa entre Hitler e Stalin*, 2012.

lado de fora da estação de trens em Karkov, encontrou crianças que pareciam *embryous out of alcohol bottles* (embriões de laboratório andando fora de seus frascos de álcool, p. 23).

Ainda neste capítulo, o autor trata da criação do Gulag, “sistema de campos de concentração”, composto por 476 campos para os quais se enviou 18 milhões de pessoas, tendo se registrado a morte de um milhão a três milhões. Para Stalin, todavia, os pedidos de socorro da população ucraniana, no que concernia à fome, nada mais eram do que uma traição por parte dos comunistas ucranianos, que tentavam minar o Estado soviético. Portanto, de acordo com o tortuoso raciocínio stalinista, fome significava resistência, e resistência era sinal de que a vitória do socialismo estava próxima (p. 41). A coletivização ceifou, de acordo com seus estudos, entre 1932-1933, a vida de 3.3 milhões de ucranianos.

Intitulado *Class Terror (Terror contra a classe)*, o segundo capítulo versa sobre os movimentos de purificação stalinista dentro da URSS e as comparações entre esta e a Alemanha no que respeita aos campos de concentração. De acordo com o autor, não só os julgamentos de grandes figuras do PCURSS, baseados em informações falsas e conseguidas sob tortura, mas as investidas por parte de outros órgãos da administração como Exército e burocracia, foram responsáveis pela morte de 50.000 pessoas. Ao comparar estes números com os da Alemanha hitlerista, o autor ressalta que nem mesmo a polícia alemã e a SS conseguiram organizar o terror como o NKVD, na União Soviética (p.77) e que, além disso, o sistema soviético de campos era 25 vezes maior do que o alemão, àquela altura (p.86).

Uma vez estabelecidos os padrões de violência contra os inimigos do Estado de mesma nacionalidade, chegou o tempo de atacar os que tinham origens diferentes. Este tema é tratado no capítulo três, *National Terror (Terror Nacional)*. O capítulo abre-se com a seguinte citação “*People belonging to national minorities should be forced to their knees and shot like mad dogs*” (*Pessoas que pertencem a minorias nacionais deveriam ser forçadas a ajoelhar e alvejadas como cães loucos*, p. 89), atribuída a um líder do partido comunista. Em apenas um dia, uma *dvoika*, comissão composta por dois integrantes, sentenciou 2.000 pessoas à morte (p. 97). Os caminhões responsáveis pelo transporte das vítimas receberam o nome de destruidores de almas e auxiliaram na implementação do que Timothy Snyder denomina Terceira Revolução Soviética. A primeira teria sido a Revolução Bolchevique, a segunda, a coletivização que mudou o sistema econômico e esta, a terceira, o Grande Terror, resultaria numa revolução da mente (p. 107).

No quarto capítulo, *Molotov-Ribentropp Europe (A Europa sob Ribbentropp-Molotov)*, o autor trata da Europa dividida entre a Alemanha e a União Soviética, com especial atenção para a Polônia, vítima do pacto entre Hitler e Stalin. Enquanto os soviéticos removeram da área por eles controlada médicos, advogados, cientistas e políticos (p. 125), os alemães terminam por anexar ao Reich mais poloneses que alemães, o que constituiu

um paradoxo: numa cruzada por pureza racial, a Alemanha torna-se o segundo maior Estado multinacional europeu (p. 132). A história da Operação Barbarossa, nome dado à invasão da URSS pela Alemanha em 22 de junho de 1941, é discutida no capítulo cinco: *The Economics of Apocalypse (A Economia do Apocalipse)*. Timothy Snyder considera esta data marcante na recente história europeia, pois sinaliza o início de uma calamidade que desafia descrições (p. 155).

A política alemã no leste tinha como objetivo transformar a URSS em colônia e como consequência, eliminar todos os judeus. De acordo com o autor, os alemães usaram as atrocidades soviéticas para justificar as suas próprias (p. 197). No capítulo seis, *Final Solution (Solução Final)*, discute-se a maneira como a grande maioria dos judeus foi morta na União Soviética em defesa da premissa de que foi ali que a Solução Final teve início, a leste da linha Molotov-Ribentropp (p. 210).

No capítulo subsequente, *Holocaust and Revenge (Holocausto e Vingança)*, o historiador trabalha os resultados da ocupação alemã em território soviético: em apenas um dia, na segunda metade de 1941, os alemães assassinaram mais judeus do que todos os pogroms de toda a história do Império Russo (p. 227). Timothy Snyder, quando avalia a atuação dos Aliados durante a Guerra, é bastante crítico e afirma que não houve tentativa de realizar qualquer ação em benefício dos judeus (p. 239). Para Stalin, estes últimos eram duplamente perigosos: em primeiro lugar porque, se ficassem nos guetos, trabalhariam com os alemães e se fugissem davam mostras de que agiam com independência (p. 239).

Intitulado *The Nazi Death Factories (As fábricas da morte nazistas)*, o capítulo oito trata da ampliação e consolidação do sistema de campos de concentração construídos com a única finalidade de assassinar judeus e inimigos potenciais do regime. O autor começa por descrever Belzec, que ele, de imediato, ressalta não se tratar de campo. De acordo com ele, num campo as pessoas passam, ao menos, a noite; em Belzec, os judeus eram eliminados ao chegar (p. 256). O método utilizado consistia em levar as vítimas a se despirem, justificando se tratar de um banho de desinfecção. Os objetos de valor eram levados e depois de entrarem nas câmaras, o gás era liberado (p. 260).

Timothy utiliza o relato de um sobrevivente para descrever o que ele viu em Treblinka, um dos campos instalados no leste. De acordo com tal testemunho ocular, “*and I looked out, and I saw Hell. Bodies, as high as the Windows on the cattle car, on the ramp [...] The smell was indescribable, the hundreds, no, the thousands of bodies everywhere, decomposing, putrefying*” (e eu olhei para fora e vi o Inferno. Corpos, na mesma altura que a janela do trem, na rampa. [...] O cheiro era indescritível, as centenas, não, os milhares de cadáveres em todos os lugares, em decomposição, apodrecendo - p. 267).

Alguns detalhes são mesmo de extrema crueldade: durante a noite, para se aquecer, os soldados alemães mataram e queimaram mulheres grávidas. Um deles notou que era possível acompanhar o movimento dos fetos enquanto os corpos viram cinzas. (p. 271).

Os poloneses, no nono capítulo, *Resistance and incineration (Resistência e incineração)*, mais uma vez, são o centro das atenções do historiador norte-americano. O cenário é o da contraofensiva soviética, da *Operação Bagration*, que empurrava os alemães para trás. Os planos de Stalin eram claros: destruir o inimigo e não permitir que o governo polonês que estava exilado em Londres retomasse o controle do país. O líder soviético, de acordo com Timothy Snyder, desejava que o movimento de resistência irrompesse em Varsóvia pois, assim, os soviéticos só teriam a ganhar: se os poloneses vencessem, enfraqueceriam os alemães e se fossem vencidos, não resistiriam à ocupação soviética que viria depois.

O movimento contava com a ajuda do Exército Vermelho, que avançava em direção à capital. No entanto, Stalin ordenou que o avanço estacionasse enquanto os poloneses pediram aos Aliados que intercedessem em seu favor, o que não se concretizou. Timothy avalia de forma muito crítica tal situação. Lembra que a Inglaterra, em 1939, insurgiu-se contra a violação das fronteiras polonesas pelos alemães, mas, nesse momento, nada fez mediante um flagrante atentado contra a soberania e a dignidade daquele povo. E não foi tudo. Além de aceitar a versão de que foram os alemães e não os próprios soviéticos os responsáveis pelo massacre em Katyn, que ceifou a vida da elite do exército polonês, os aliados confirmam a fronteira soviética dentro do território polonês nos mesmos moldes que o fez Hitler, anos antes. Quando finalmente os alemães derrotaram o movimento, Stalin ordenou que o avanço recomeçasse. Timothy Snyder se utiliza das palavras de Arthur Koestler para denominar essa atitude como *'one of the great infamies of the war'* (uma das maiores infâmias da guerra - p. 306).

Após a vitória, os soviéticos iniciaram o processo de “limpeza” dos elementos que constituíam ou poderiam ameaçar a sua ordem. Este é o tema do penúltimo capítulo, *Ethnic Cleansings (Limpezas étnicas)*. Nele, o autor demonstra como as expulsões de poloneses e de alemães que estavam nas áreas controladas pelos soviéticos respondiam a uma diretriz muito clara de Stalin que visava, após a vitória, utilizar os mesmos critérios que os vencidos. O caso dos judeus revelava essa intenção. No último capítulo, *Stalinist anti-Semitism (Stalinismo e antisemitismo)*, o historiador aborda o antisemitismo stalinista pós 1945. Timothy Snyder sustenta que, durante o conflito, Stalin organizou um Comitê antifascista composto por judeus, mas que findo o conflito, resolveu julgar os seus integrantes e condenar vários à morte. De acordo com o líder soviético, os judeus eram “internacionalistas” e estavam associados aos inimigos norte-americanos.

Além disso, ressalta o autor, Stalin, mestre em negar fatos históricos, pretendia que o Holocausto fosse esquecido, pois no combate pela memória, era fundamental que o maior sofrimento fosse o do povo eslavo em sua “Grande Guerra Patriótica”. Dessa forma, avalia o autor, os assassinatos em massa cometidos pelos alemães, o Holocausto e os crimes soviéticos transformavam-se em três diferentes histórias que compartilhavam o mesmo espaço e tempo (p. 377).

Na conclusão, denominada *Humanity (Humanidade)*, o autor defende a perspectiva da história comparada dos dois sistemas totalitários porque, por meio dela, pode-se conhecer não somente os regimes, mas os próprios homens. Timothy Snyder utiliza sua conclusão para demonstrar como estavam equivocadas as mais recorrentes e consolidadas visões sobre o Holocausto: a primeira se refere às câmaras de gás que, segundo ele, não foram construídas para os campos, mas para o programa de eutanásia. Afirma que a maioria dos judeus mortos nunca viu um campo de concentração. Em outra assertiva, define que a maneira mais eficaz de assassinato não foi implantada em Auschwitz e sim resultado dos tiros disparados pelos esquadrões de fuzilamento (*Einsatzgruppen*), pela fome e em Treblinka.

Por último, o autor elabora um interessante conceito sobre os números. Sustenta que, quando se trata do Holocausto e das vítimas deste crime, os números são rigorosamente estudados. Todavia, segundo Timothy Snyder, trabalhar com os dados corretos não é suficiente. É preciso que se recorde que cada número representa uma vida humana e que ela é única. Ele cita a cifra de 5.7 milhões de judeus mortos e sugere que façamos o seguinte raciocínio: 5.7 milhões de vidas vezes uma vida. Esta poderia ser, de acordo com ele, a de Tania Savicheva ou, se quisermos, a de Olga Benário Prestes, judia comunista enviada por Getúlio Vargas para a Alemanha de Hitler nos anos 1930.

Os regimes soviético e nazista, conclui o autor, transformaram as pessoas em números, alguns dos quais podemos apenas estimar, outros são reconstruídos com acurada precisão. É nossa função, como pesquisadores, buscar esses números e colocá-los em perspectiva e também é nossa tarefa, como humanistas, transformar os números novamente em pessoas. Se não pudermos fazer isso, então Hitler e Stalin deram forma não apenas ao nosso mundo, mas à nossa humanidade (p. 408).

O livro do autor norte-americano, resultado de anos de pesquisa em distintas fontes, sustentado por uma vastíssima bibliografia em diversas línguas e articulado a um profundo e crítico conhecimento do tema contribui de maneira efetiva para a história das ideias políticas do século vinte e para a historiografia da Segunda Guerra Mundial. Trata-se,

indubitavelmente, de obra fundamental para qualquer cidadão interessado em desvendar um pouco mais do século denominado por outro historiador de “era das ideologias”.²

Recebido em 30/5/2012

Aprovado em 22/2/2013

² BRACHER, Karl Dietrich. *La era de las ideologías*. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1989.